



# O G TEXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

## FORA COM O "MERCADO COMUM"

- Contra a Crise e por aumento de Salários!
- Por conversações com a União Soviética e as Democracias Populares!
- Pela Industrialização e contra a Guerra!

Estão em curso negociações no estrangeiro para encontrar a forma de incluir Portugal no chamado « Mercado Comum Europeu ».

Parece que este facto, passado lá longe, não deveria ser de grande importância para nós, operários têxteis do Minho, do Porto, da Serra da Estrela ou do Sul; no entanto, representará o agravamento brutal da crise, que estamos sofrendo, o desemprego, a miséria e a fome.

E porquê? Porque a entrada de Portugal para o « Mercado Comum » significará a invasão do País por montanhas de mercadorias a baixo preço — entre as quais tecidos de todas as qualidades e tipos! — o que acarretará o inevitável encerramento das fábricas nacionais por não poderem competir com elas.

Parece, no entanto, que ninguém força o governo a entrar para tal Mercado. A verdade contida é ser esse o desejo dos grandes monopólios internacionais a que o salazarismo está ligado, desejos que estão de manter Portugal na situação de país atrasado e sem indústrias; e a caso é que a recusa a ingressar na Organização, sem que isso seja acompanhado duma política verdadeiramente nacional, terá da mesma forma como consequência uma paralisação de grande parte do nosso comércio com o estrangeiro e, com ele, a da nossa indústria de exportação.

A que se deve tão grave situação para a economia portuguesa e para todos nós? Deve-se à crença política do governo que protege os grandes monopolistas e não eleva os salários, de forma a que o nosso próprio Povo possa comprar a melhor parte dos produtos que fabricamos; o que não permite o comércio com a União Soviética e as Democracias Populares, de maneira a libertarmos da tirania dos nossos compradores do Ocidente; que gasta os dinheiros da Nação nos preparativos de uma nova guerra, em vez de utilizá-los na assistência ao Povo e na ajuda à criação duma indústria capaz de vir a concorrer com os do estrangeiro.

Se a responsabilidade da situação é toda do governo de Salazar, a verdade é que as suas desastrosas consequências virão a cair sobre os diversos sectores da economia nacional (com excepção dos monopolistas ligados ao capital estrangeiro) e, em primeiro lugar, sobre os ombros da classe operária, já hoje tão duramente esmagada pelos salários de fome e pela crise.

Mas será irremediável tal situação? Não, não o é ainda! Poderemos ainda salvar-nos, se forçarmos o governo a fazer a tempo a viragem política que se impõe, se o forçarmos a recusar a entrada de Portugal no « Mercado Comum » ou numa tal Zona de Comércio Livre que é a mesma coisa e, ao mesmo tempo, a elevar os salários, jornas e ordenados, a abrir conversações com os Países socialistas e outros, a utilitar contra a crise, na assistência ao Povo e à industrialização, o dinheiro que agora gasta em armamentos e aviões.

E conseguiremos levar o governo a tal viragem? Sim, CONSEGUIREMOS, na condição de intensificarmos a LUTA CONTRA A CRISE, na condição de sabermos UNIR todos os que estão interessados nessa viragem, e que são a imensa maioria da Nação. REUNIAM-NOS nas empresas, nos sindicatos ou nas nossas Terras para discutirmos estes problemas. Exijamos as nossas COMISSÕES DE UNIDADE, com os companheiros mais activos e enraçados. EXIJAMOS O REGRESSO AO TRABALHO dos companheiros despedidos e a REABERTURA DAS FÁBRICAS ou um SUBSÍDIO DE DESEMPREGO decente. Exijamos o aumento de SALÁRIOS. Elaboremos EXPOSIÇÕES E ABAIXO ASSINADOS ao governo e à Assembleia Nacional contra a entrada de Portugal no Mercado Comum Europeu e por conversações com a União Soviética, as Democracias Populares e outros Países. Chamemos toda a gente, incluindo os pequenos, médios e mesmo grandes industriais que o desejem. A LUTA CONTRA O MERCADO COMUM.

## O PESSOAL DA «TÊXTIL DO SUL» LUTA CONTRA O DESEMPREGO

Os operários e operárias da « Têxtil do Sul », de Alhandra, na perspectiva de irem para a obra elaboraram uma exposição que foi assinada por todos e enviaram-na às autoridades protestando contra o anunciado encerramento da fábrica.

Estes valentes companheiros estão decididos a não aceitarem o desemprego e se continuarem unidos conseguem-no.

Companheiros da « Têxtil do Sul », a nossa luta é um exemplo para todos nós. « O Têxtil » envia-lhe uma cordial saudação e todo o apoio na vossa luta.

Escrevei-nos a contar a vossa luta para nós lhe darmos o devido relevo.

## O Povo Português Não Luta Sòzinho!

A feroz repressão do governo salazarista impede que os trabalhadores portugueses possam confraternizar com os seus irmãos do estrangeiro através da grande Federação Sindical Mundial, que agrupa 90 milhões de trabalhadores da maioria dos países do mundo. Mas, nem por isso a poderosa F.S.M. esquece ou abandona a classe operária de Portugal, como se prova com o seu recente gesto de não internacionalismo protegido, ao fazer chegar determinada importância às vítimas do terrorismo de Salazar (pessoas, famílias, feridos, perseguidos políticos, etc.) e, como é de justiça, os operários têxteis não foram esquecidos, através dos que neste momento mais estão sofrendo pela sua classe e por um futuro melhor para todo o nosso Povo.

Companheiros! Que o gesto de solidariedade internacional da gloriosa Federação Sindical Mundial, ao provar-nos que não estamos sòzinhos, nos abra novas perspectivas! Que ele reforce a nossa firmeza para levarmos até à vitória final a luta contra a exploração e o terror que reina hoje na nossa terra!

## A Situação

### EM ALGUMAS EMPRESAS

**C.U.F. do Barreiro** — As operárias desta empresa, que antes da campanha da produtividade chegaram a ficar por semana jornas superiores a 30000, depois que passaram a trabalhar com mais teares finalmente atingem 30000. Devido a esta situação muitas operárias têm parado os teares como protesto e ido em comissões protestar junto dos engenheiros, e até alguns destes reconhecem que os operários não ganham de acordo com o que produzem.

Companheiras da C.U.F.! Continuai a vossa luta e recusai trabalhar em condições diferentes daquelas que tinheis antes da introdução da máquina campanha da Produtividade.

**Fábrica dos Marinhos, Porto** — As operárias desta empresa que em tempos se recusaram a trabalhar com 4 teares foram postas a 3 dias por semana, enquanto as que aceitaram os 4 teares trabalham os 6. Entretanto estas últimas estão a receber a mesma féria que recebiam trabalhadas só com 4 teares. Muitas delas sentem as forças abaladas pelo que já estão arrependidas de terem começado com os 4 teares e dizem que só a sua miséria as levou a trabalhar nestas condições, pois pensavam ganhar mais alguma coisa.

Companheiras dos Marinhos! Junta-vos todas, as que estão com 4 teares exige trabalhar só com 2; as que estão a dias reduzidos devem exigir os 6 dias. Se fizerdes assim conseguireis a vitória.

**« Batalha », Porto** — Continuai sem voltar ao trabalho as 6 operárias que há tempo foram despedidas, entretanto há pouco foram empregadas 6 novas operárias e

# A VOZ DOS LEITORES

## Operários e Operárias da Indústria Têxtil!

Companheiros de trabalho, cada vez lutamos mais com a vida, e cada vez mais a miséria nos bate à porta, porque o salário de fome que ganhamos não chega para satisfazer as nossas necessidades.

Se pagamos ao padeiro não chega para liquidar na mercearia, se pagamos à mercearia, faltamos com o pagamento na contrabandista, ou na loja, pois raramente podemos comprar com o dinheiro na mão.

Como sabemos, todos os anos vem a crise de trabalho: ou os despedimentos em massa, ou somos reduzidos para 3 ou 4 dias. Se vimos o armazém cheio de fazenda, dizem-nos os gerentes os os patrões, que as fazendas não têm venda, portanto não podem dar trabalho. Se vimos o armazém vazio sem fio, dizem-nos que não vem de fora as matérias primas, ou seja o fio.

Sempre as mesmas palavras mentirosas, sempre a mesma ladainha com que nos injuriam; sim porque há lá muito fio, que esperam é pela concórdia entre os grandes tabarões e doctos do fio, para comprarem mais barato, aumentando assim os seus lucros à custa do nosso trabalho. Se não vendem as fazendas armazenadas e porque o nosso poder de compra é baixo, porque o escasso salário que recebemos não dá para termos dois ou três vestidos, ou dois pares de calças (que necessitamos assim como para os nossos companheiros e filhas).

Mal trabalhamos as carnes, mal enchemos o estômago para podermos trabalhar.

«A vida! cada vez mais cara, quem pode chegar à carne e ao bom peixe? Quem come as boas frutas e os bons doces de que os nossos filhos são privados? São os donos do dinheiro que nos exploram. Os lucros do nosso trabalho vão-lhes acanhando os cofres; as suas massas são abastadas os guar-

datados estão cheios, não falta a gasolina nos carros para os levar ao teatro. Depois temos o governo que para defender os interesses dos nossos patrões, recebem, uma boa parte do lucro do nosso trabalho, e com que compram as armas e pagam à Polícia de Defesa do Estado para não prender, massacrar e até assassinar os reclamantes dos nossos direitos.

Podemos nos acabar com esta escravidão? Podemos nós alcançar uma vida melhor para nós e nossos filhos? Podemos sim, companheiros, homens e mulheres da indústria têxtil, mas para isso temos primeiro de tirarmos a «mordaca» e fixar as almeças a que nos prendem as amarras dos patrões com os despedimentos, e do governo com a repressão. Nos sabemos que isto só é, 10, 15, ou mesmo 20 operária a lutar por aumentos de salário que são atendidos. Isso é o que querem os patrões e o sr. Ministro das Corporações, para não fim ficar tudo em águas de bacalhau.

Para alcançarmos um aumento de salário que faça um pouco a nossa vida melhor, temos de ser TODOS bem unidos, porque só a nossa unidade faz a nossa força. Vamos companheiros homens e mulheres da Indústria Têxtil, vamos todos unidos pedir aumento de salário aos patrões, para uma melhor alimentação, para nós e nossos filhos. Só pela nossa unidade alcançaremos um aumento de salário para fazer face às nossas misérias. Só pela nossa unidade faremos recuar os patrões com as suas ameaças de despedimento. A nossa unidade faz recuar a repressão da polícia e do governo.

Vamos unidos que só assim alcançaremos os nossos direitos.

Uma operária da Indústria Têxtil

## CRIMINOSAS CONDIÇÕES DE TRABALHO NA FÁBRICA DA SENHORA DA HORA

No mês de Novembro último, uma operária foi vítima de um grave desastre que lhe ocasionou ficar sem um braço.

O facto deve-se unicamente à criminosa vontade do patronato que impõe a limpeza com as máquiças a trabalhar, a fim de obter mais lucros. Isto não é perigoso só pela própria lei, — e os responsáveis na administração da fábrica sabem-no bem quando disseram à vítima, com ameaças de repressões, «para declarar no hospital que o acidente decorreu na hora do trabalho».

Indignação face ao criminoso acto foi o que sentiram vivamente os operários e as operárias desta empresa. Porém, frente às desumanas condições no trabalho, e para fazer recuar o patronato, só a recusa firme de procederem à limpeza nestas condições poderá evitar maiores desastres.

Que seja esta limpeza a meia hora, com as máquiças paradas, para a limpeza, é o que deverá ser exigido imediatamente pelos nossos companheiros.

## Vítimas da Organização Corporativa!

Depois de tantos anos a descontar para o Fundo de Desemprego, alguns operários do «Inglês», já idosos, não conseguindo arranjar trabalho, dirigiram-se ao Sindicato onde pediram, muito justamente, emprego ou subsídio. A resposta foi que o Sindicato está a fazer um inquérito junto das Juntas de Freguesia para ver quem são os desempregados mais necessitados e que nada mais poderia fazer senão recomendar que fossem reclamar junto do I.N.T. Foi-lhes dito ainda que se andavam «à boa vida» e porque queriam, pois «há muito trabalho na ponte da Arrábida».

Compreendendo que o I.N.T. tem o dever de dar solução rápida no seu pedido, os operários foram a seguir junto deste organismo corporativo, apresentar a sua modesta reivindicação.

Porém, mais uma vez o I.N.T. se revelou como um organismo criado pelo Governo não para defender os trabalhadores mas sim o grande patronato, respondendo, com o mesmo modo, que isso era com a Caixa de Previdência. Por sua vez, a Caixa também não deu solução.

Operários desempregados do «Inglês»! Não face da luta da classe operária têxtil frente ao desemprego, o Governo, através do Ministro das Corporações e do próprio I.N.T., foram obrigados a prometer estudar o emprego dos têxteis desempregados.

Condição, pois, unidos, junto do Sindicato e I.N.T. até que seja atendida a vossa justa reivindicação.

## Operários Têxteis!

Auxiliá financialmente o nosso jornal.

## OPERÁRIOS TÊXTEIS! TODOS AO RECENEAMENTO!

O prazo para o recenseamento eleitoral começou a 4 de Janeiro.

Este recenseamento tem para nós muita grande importância, visto que só quem se encontra inscrito nos cadernos eleitorais pode votar nas próximas eleições para a Presidência da República, e essas eleições poderão ser o começo duma viragem na situação geral do nosso País.

Como membros da classe operária, que é a classe mais interessada na conquista das Liberdades democráticas, e como membros da classe Têxtil, tão duramente esmagada por uma crise de que o Governo é o principal responsável, compete-nos irmos todos recenseando-nos para podermos votar amanhã no Candidato da Democracia e das Liberdades. Para tal, criemos em cada empresa Têxtil uma COMISSÃO DE RECENEAMENTO, com companheiros activos e esclarecidos, capazes de mostrar a todos os operários a importância do recenseamento.

Que nenhum operário Têxtil deixe de cumprir o seu dever RECENEANDO-SE e pedindo às autoridades o respectivo CERTIFICADO.

um operário. Tudo indica que preparam novos despedimentos para depois meterem outros operários sem qualquer regalia. Esta perspectiva cria grande indignação entre os operários.

Companheiros da «Batalla!» organizai a luta contra futuros despedimentos, se eles vierem recusai deixar o trabalho, não deveis confiar em quaisquer promessas dos patrões.

«Salgueiros» Porto — Foram despedidas algumas operárias, segundo dizem por falta de trabalho, e algumas mais velhas têm estado a ser reformadas. Mas no mesmo tempo têm estado a fazer inscrições de operárias do «Inglês» e que ainda andam desempregadas, prometendo-lhes trabalho daqui a algum tempo. O que pensa o pessoal acerca disto é que estes exploradores estão com vontade de se ir desfazendo a pouco e pouco do pessoal que têm, para depois meterem outros sem qualquer regalia e com salários mais baixos.

Companheiros da «Salgueiros»! Não permitis que os planos dos exploradores sejam postos em prática, criaí um comité de unidade que se ariste com os patrões. Recusai-vos a aceitar os despedimentos.